

O PATRIARCA DE JUÀZEIRO

Luís Sucupira

No crepúsculo do século XIX e no dealbar do século XX projetou-se na história do Ceará uma figura de batina que se apresentava com um exterior de Quasímodo e uma auréola de fama que atraíram para ela a multiforme atenção dos homens de seu tempo. Algo de misterioso lhe nimbava a existência surgida da obscuridade e do anonimato para um fulgor de renomeada, que não desapareceu com sua bem longa, aliás, passagem pela terra. Mesmo depois de morto não foram, sua história nem seu destino, envolvidos pelo silêncio, antes continuando sua vida e sua obra como motivo de discussão, de apreciação e de juízos, entrechocando-se ao redor de seu nome as opiniões, vendo-o uns como um mistagogo irradiando bondade, singeleza e resplandescências de visões proféticas, enquanto outros nêle apontam um paranóico, dominado por um falso delírio de grandeza, apêgo ao dinheiro, gôsto pelo poder, ansioso de pres-tígio.

Esse entrechoque de conceitos, essas divergências a respeito de uma personalidade que muitos de nós conhecemos e com a qual não poucos dos que ainda vivem travaram relações de tôda ordem, desde as políticas às afetivas, desde as familiares às espirituais, provocaram e ainda incitam uma exuberante bibliografia, que traz cada vez mais, à luz dos comentários e à compreensão dos curiosos, a tumultuosa trajetória do padre Cícero Romão Batista pelo seu Cariri e particularmente pelo seu Juàzeiro, cidade que tudo lhe deve e cuja fundação mesma lhe é atribuída. Neste ponto, porém, cumpre esclarecer, sem desdouro para a memória do taumaturgo que propiciou fôsse a antiga aldeia transformada na atual grande metrópole sertaneja, não lhe caber tal iniciativa. Dessa tarefa incumbiu-se, por sem dúvida, o padre Pedro Ribeiro Monteiro, chegado àquelas paragens pelos idos de 1827 e ali se estabelecendo com 12 escravos, algum

gado e bom dinheiro, construindo, ao lado de sua fazenda, a capela de Nossa Senhora das Dores.

Falecido o padre Ribeiro Monteiro, o lugarejo permaneceu estagnado, transformado, mesmo, em rebutalho social, dominando entre seus parcos habitantes o analfabetismo, a desordem e a feitiçaria a par da indolência.

Foi nesse Juazeiro que se implantou, operou, movimentou, viveu asceticamente o padre Cícero, que morreu sob lágrimas de imensa multidão que ainda hoje chora o padrinho para ela um santo, embora para outros não passasse de aproveitador da ignorância da plebe, explorando-a nos seus arroubos fanáticos.

Tudo indica, porém, ter sido aquêle sacerdote um insatisfeito e um semeador de insatisfações. Se em vida era provocador de insônias, depois de morto continua a manter pesadelos variegados, espalhando dedicações póstumas e antipatias intermináveis. E tudo isso manifesta-se em produções literárias, que vão da crônica ao comentário de imprensa, da poesia popular às críticas científicas, das memórias a seu respeito e das histórias de autorias conhecidas ou de origens míticas e clandestinas.

Reportando-se a essa facúndia publicitária, opinava Fernandes Távora, em dezembro de 1938, que "até agora os que escreveram sobre Juazeiro e que tiveram padre Cícero por amigo ou adversário, ou alguns de rápida passagem pela sua tebaida, não dispuseram de tempo ou conhecimentos necessários para formar sobre êle juízo fundamentado e seguro, não sendo lógico esperar de tais biógrafos obra escoimada de paixões e erronias".

Estamos aqui reunidos para a recepção e distribuição de mais uma produção literária que tem por centro de interêsse o agora denominado Patriarca do Juazeiro. Dá-lhe paternidade o revmo. padre Azarias Sobreira, que já se impôs em nosso meio cultural como historiador criterioso e sóbrio e apurado manejador do vernáculo. De sua pena já brotaram dois bem lançados estudos históricos, um sobre "D. Quintino, Primeiro Bispo do Crato" e outro sobre "Monseñor Tabosa Braga", um dos mais valentes e caridosos missionários cearenses. Além disso, vem o padre Azarias Sobreira, há mais de vinte anos, freqüentando a nossa imprensa com trabalhos de cunho biográfico, entrando ainda pelos meandros da genealogia. Publicou em 1961, editado pela Editôra Mensageiro da Fé, da Bahia, um percuciente trabalho de polêmica religiosa, intitulado *Mensagem aos Protestantes*, cuja edição recolheu voluntária e silenciosamente, para não contrariar as diretrizes do Concílio Vaticano II, que passou a acenar com a aproximação dos "irmãos separados." Malgrado nesse livro nada houvesse de agressivo ou desprimoroso para os que estavam fora da Igreja, tratando-se antes de uma refutação, em têrmos amistosos, ao livro de Eduardo Carlos Pereira, *O Problema Religioso na América*, preferiu o padre Azarias Sobreira não agitar

o assunto, embora sufocando um filho que lhe custara tantos labores intelectuais.

Cultor das boas letras desde a adolescência, quando ainda seminarista, como êle mesmo confessa, em seu artigo intitulado "Professor e Educador", publicado na revista *Valor*, de dezembro de 1945, entregava-se "à persistente leitura de mestres da boa linguagem, nomeadamente Vieira, Herculano, Castilho, Euclides da Cunha, Taunay, Graça Aranha e Alencar", o padre Azarias Sobreira assenhoreou-se do domínio da frase que apresenta escoreita e agradável, qualidades que conseguiu, conforme assegura, "no afã de alcançar aqui maior clareza, ali maior concisão, quase sempre maior simplicidade de expressão".

Modesto até o exagêro, não sei como se submeteu a essa exibição atualmente tão ao gôsto dos meios literários, com a instituição das tardes de autógrafos. Na certa o fêz menos por êle do que para dar um destaque todo especial à personagem que focalizou com tanta exuberância e com a mais sincera intenção de prestar culto à verdade neste substancioso volume que intitulou *O Patriarca do Juazeiro*.

E êsse destaque é tanto mais para acentuar, quanto, não faz muito, as nossas livrarias passaram a exhibir outro avantajado subsídio em tôrno do mito e do homem padre Cícero. É certo que não envolve o trabalho do padre Azarias a intenção de cultivar o jóio da disputa, pois vem de longa data seu empenho em reduzir a escrito um depoimento imparcial e objetivo, relacionado com a figura espetacular que se projetou sôbre o meio e sôbre o seu tempo e se tornou sinal de contradição, donde a dificuldade de compreender sua obra e de penetrar em sua vida.

Não tentou o padre Azarias Sobreira estabelecer um perfil definitivo do seu biografado. Isso mesmo êle afirma, quando confessa haver delineado apenas um esbôço de análise, colhido em vinte anos de observação direta ou por meio de depoimentos insuspeitos. Com isso procura manter-se numa equidistância, sem comprometimentos outros que o respeito à verdade dos fatos, dentro da melhor forma de sua interpretação.

Não nega que se podia ter deixado influenciar pelos sentimentos, aliás contraditórios em certa fase da adolescência, quanto ao conceito em que era tido o padre Cícero. E entrou mesmo em luta com a razão, que passou a exigir-lhe contas de suas inclinações pessoais primitivas.

E como a verdade da razão reforma, sem desdouro e continuamente, a razão, ao contrário do que ocorre com a verdade do sentimento que está sempre confirmada pelo sentimento, decidiu modificar os sentimentos; e dessa disposição de ânimo resultou a obra que neste instante folheamos e que vai, decerto, influenciar grandemente a apreciação do chamado Patriarca de Juazeiro.

Espírito calmo, avêso aos exageros, procurando nos vocábulos o sentido exato, o padre Azarias Sobreira tem a seu favor uma ilibada reputação de sacerdote *sans peur et sans reproche*, de caráter adamantino como o seu tipo longilíneo, que nem o pêso dos anos conseguiu curvar.

Seu amplo conhecimento de literatura filosófica lhe permite propor-se com vantagem ao exame dos grandes problemas humanos, sejam metafísicos, sejam históricos. A erudição êle reúne o dom da clareza de exposição, a imparcialidade na discussão e a crítica polida e sagaz quando os acontecimentos possam contrariar suas conclusões judiciosas.

Pode-se fazer reserva, às vêzes, à profusão em que se enleia para atingir mais fundamentamente seus propósitos. Mas não lhe é escasso jamais o senso ético.

Erudito, calmo, íntegro, esforça-se por fugir ao superficialismo, aplicando-se no afã de prestar culto à justiça sem artifícios, que poderiam tornar mais consistente a argumentação, porém menos convincente. E em tudo se destaca a mestria do escritor.

Pouco lhe importa receber aplausos, pois, como Fócion, entende talvez que as palmas descontentam, dado não se poder penetrar na sua motivação exata. Mas não refluí às manifestações, mesmo quando contraditórias, porque procura ser decidido missionário da verdade, missão que é sempre difícil por exigir disposição de ânimo para arrostar obstáculos, e, sobretudo, para enfrentar preconceitos de todos os quilates e que reagem sob os mais variegados impulsos.

Assim, ninguém mais autorizado em nossos dias para falar sobre o padre Cícero Romão Batista. Êle foi um homem e, como todo homem, teve suas grandezas e suas misérias, aumentadas e diminuídas, umas e outras, conforme a posição do binóculo utilizado pelos que o observaram e ainda hoje procuram compreendê-lo. Aliás, é mesmo o padre Azarias quem esclarece a impossibilidade de juízo sereno no historiador que se propuser a fixar episódios ou pessoas em cujo contato pessoal se mantivera.

Isso, porém, não impediu que fizesse obra sincera, provinda das fontes mais fidedignas do íntimo da convivência, traduzente de convicções amadurecidas no volver dos anos.

Pode seu livro não convencer a todos, mas esclarece a muitos. É obra impregnada de sinceridade, que reflete o seu autor, dosada de perene otimismo, não o otimismo dos que vêem tudo azul ou côr-de-rosa, mas o otimismo do homem de meditação, crente na eficácia irresistível do Bem.

Alegremo-nos por ter tido a oportunidade de participar desta festa do espírito, que para todos nós significa a afirmação de que à inteligência não afeta a idade e de que a história é sempre a preciosa animadora das grandes obras-primas de qualquer literatura.